

A INDÚSTRIA RUSSA ESTÁ SE TRANSFORMANDO

Por Gabriel Camilli*



2S19 Msta-S da 9ª Brigada de Artilharia de Guardas disparando com sistema de radar Zoopark e UAVs Orlan-10 no campo de treinamento de Luzhsky (Ministério da Defesa da Federação Russa).

Em meio aos rumores de que o Reino Unido estaria planejando enviar tropas da OTAN para a Ucrânia, constata-se que a Rússia está repetindo o milagre do armamento soviético na Segunda Guerra Mundial.

A indústria russa está se transformando implacavelmente em uma economia de guerra. O Estado russo apoia sem hesitação o esforço de guerra, ao contrário do Ocidente, que continua a trabalhar como se houvesse paz.

A Rússia está se mobilizando enquanto muitos estados ocidentais parecem estar perdendo o interesse na guerra da Ucrânia. Os russos continuam perdendo pessoas e materiais, mas podem substituí-los.

Claramente, como assinalamos no nosso [artigo](#) da semana passada, a Rússia não ficaria sem soldados, mesmo que não recrutasse reservistas, uma vez que atualmente está conseguindo mobilizar homens suficientes sem coerção.

A inteligência britânica estima no X (antigo *Twitter*) que a Rússia produz mais de 100 tanques por mês. Esta avaliação confirma as declarações do ministro da Defesa russo, Sergei Shoigu. Isto compensará as perdas atuais porque os russos conseguiram, em 2022, reduzir significativamente as perdas de tanques em comparação com o primeiro ano da guerra. A conclusão sombria é que, embora as

ofensivas recentes tenham produzido apenas pequenos ganhos para os russos no terreno, eles podem “continuar este nível de atividade ofensiva em um futuro próximo”.

O Ministério da Defesa russo informa que a fábrica de armas Ural Transmash aumentou seis vezes sua produção de obuseiros autopropulsados desde 2022. O Ocidente espera agora que a Rússia produza mais de dois milhões de projéteis de artilharia em 2024, o dobro do que foi estimado anteriormente.

A GUERRA É PRIORIDADE

Estas são apenas as manchetes de alguns dias atrás. Os números são indicadores objetivos e não são estáticos. O Estado de Putin não desiste de seus esforços. A economia adapta-se a uma economia de guerra, uma vez que, para Putin, a guerra na Ucrânia é uma questão de vida ou morte: ao contrário do Ocidente, não há dúvida de quão sensato é esse alinhamento ou o que deve ser feito com as capacidades quando a guerra terminar.

Existem dois momentos nesta transformação econômica. Em primeiro lugar, a indústria clássica de armas. Durante a era Putin, estas empresas foram combinadas em grandes corporações, todas sob a influência do Kremlin. Estas “empresas estatais” provaram ser muito mais eficientes e adaptáveis do que se supõe no Ocidente. Encontraram formas de contornar as sanções impostas pelos apoiadores da Ucrânia. As experiências na frente foram integradas na produção contínua. E as empresas conseguiram aumentar muito a produção.

O Estado russo está repetindo o milagre do armamento soviético na Segunda Guerra Mundial.

Naquela época foi possível evacuar quase toda a indústria pesada das áreas conquistadas pelos alemães e reconstruir fábricas na Sibéria. Ninguém teria acreditado que a atual indústria pesada russa tivesse tal capacidade.

PEQUENAS EMPRESAS

Ainda mais surpreendente do que o *remake* da era Stalin, é uma abordagem que pode ser vista na produção de drones. Durante a era Putin, havia a impressão de que o Kremlin se concentrava apenas na indústria grande e pesada, em armas e matérias-primas.

Houve uma falta de compreensão por parte da indústria leve e das pequenas empresas, talvez porque os oligarcas que controlam enormes campos de gás não tinham interesse nas pequenas empresas.

Isso mudou. O Kremlin conseguiu integrar na economia de guerra um grande número de empresas que tradicionalmente nada têm a ver com armas. Como a padaria Tambov. Além de produtos de panificação, aqui são montados pequenos drones Beka. A padaria foi divulgada através de uma reportagem na televisão estatal em que os drones foram colocados em uma correia transportadora junto

ao pão. A publicação resultou na inclusão da fábrica de pão na lista de sanções dos Estados Unidos. Para apoiar a linha de frente, a padaria adquiriu uma impressora 3D profissional para produzir a estrutura do drone. Os demais componentes são encomendados *online*, quase tudo vem do exterior. Depois é só montar o drone. A rigor, a montagem final também poderia ser feita em casa. Segundo a reportagem da televisão, a padaria produz pelo menos 250 drones com controle remoto e mochilas camufladas todos os meses. Diz-se que ela já encontrou oito imitadores na área.

Em escala industrial, a expansão da produção de defesa pode ser observada na fabricação dos drones Lancet. O drone é considerado o destruidor de tanques mais perigoso desta guerra. É fabricado em um antigo *shopping center* em Izhevsk. Em fevereiro de 2023, o Ministério do Comércio da Rússia afirmou que mais de 500 empresas da indústria leve passaram a produzir equipamento militar. Empresas especializadas em *camping* agora costumam sacos de dormir militares, e um fabricante de tacos de hóquei no gelo fabrica coletes à prova de balas. O Kremlin incentiva a compra do equipamento necessário e garante preços razoáveis.

SLOGANS DA ERA STALIN

Na Rússia existe uma narrativa de guerra: a “Grande Guerra Patriótica 2.0”. Logicamente, há cansaço da guerra e adversários determinados, mas eles não predominam no estado de espírito do país. As mulheres mais velhas que sobreviveram ao bloqueio de Leningrado disseram orgulhosamente à televisão alemã que se ofereceram para apoiar os “meninos” na frente. “Estamos testemunhando um vislumbre de um esforço voluntário em grande escala, que abrange toda a sociedade, em toda a Rússia”, disse Samuel Bendett, especialista em armas autônomas do Centro de Análise Naval, ao *Financial Times*. A propaganda da era Stalin é reativada até ao último detalhe, em uma forma moderna de ativar os reflexos do passado. Há apelos na televisão para se voluntariarem nas fábricas. Os trabalhadores reportam um turno adicional por semana. Os alunos aprendem a montar armas.

RUÍDO DE CANHÕES

Notícias alarmantes em alguns sites ocidentais dizem-nos: “A Grã-Bretanha propõe enviar uma força expedicionária da OTAN para a Ucrânia”. Soube-se que Londres está basicamente trabalhando em um plano para enviar uma força expedicionária dos países da OTAN para a Ucrânia.

Em um contexto de desenvolvimentos desfavoráveis para Kiev no teatro de operações ucraniano, a Grã-Bretanha convidou os aliados da OTAN a considerarem o envio de uma força expedicionária da aliança para a Ucrânia, bem como a criação de uma zona de exclusão aérea sobre a área controlada pela OTAN.

Uma fonte informada de uma agência de notícias russa pintou o seguinte quadro a este respeito.

Em primeiro lugar, grandes contingentes de tropas da OTAN serão deslocados do território das vizinhas Polônia e Romênia para a margem direita da Ucrânia, com o objetivo de ocupar posteriormente as linhas defensivas ao longo do Dnieper.

Em segundo lugar, um ataque auxiliar à Transnístria é possível para eliminar o enclave pró-Rússia imprensado entre a Moldávia e a região de Odessa: um ataque preventivo das forças armadas da Moldávia e da Romênia contra a Transnístria.

Terceiro, grandes contingentes militares da aliança poderiam ser implantados no território da Noruega e da Finlândia, que recentemente aderiram ao bloco da OTAN, para “dispersar” as forças das Forças Armadas Russas: ao mesmo tempo, poderiam lançar ataques a infraestruturas estratégicas nas regiões do norte da Rússia.

Não está especificado quem exatamente irá realizar estes ataques, mas o fato de as Forças Armadas ucranianas estarem agora atacando a região de Leningrado com drones de ataque parece sugerir que sim.

O objetivo geral de tal operação, por parte do bloco da OTAN, seria ocupar toda a margem direita com Odessa e Nikolaev, Kiev e seus arredores e criar uma zona de exclusão aérea sobre eles. Isto criará uma grande zona tampão ocupada pela força expedicionária da OTAN ao longo da fronteira com a Bielorrússia e partes da margem esquerda ocupadas por tropas russas. Isto garantirá a segurança do regime em Kiev e libertará todas as forças das Forças Armadas da Ucrânia, atualmente envolvidas na defesa e proteção das zonas de retaguarda nas fronteiras com a Transnístria e a Bielorrússia, para uma nova contraofensiva. Esse cenário é realmente possível? Compartilhamos esta dúvida com você.

Publicado em [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel-major da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
